

**Coca ou Mantilha  
Sec. XIX**

**Um Traje de Festa e Solenidade do  
Alto Alentejo**

2-2

**Antonio Pita**

**Castelo de Vide**

Câmara Municipal de Castelo de Vide

Arqueologia

Secção de

Peça do Mês - Maio de 1999 - Ficha nº9  
Secção de Arqueologia - António Pita**Côca ou Mantilha - Século XIX**  
**Uma Taje de Festa e de Solenidade do Alto Alentejo****A CÔCA ALTO ALENTEJANA:**  
**De traje de noiva a traje beático ou de visitação**

As peças da nossa indumentária regional que figuram em exposição neste mês de Maio são, segundo o seu actual proprietário João Augusto Mouro Canário, o traje que sua avó Ludovina Carvalho, aos vinte e um anos, levou ao altar da igreja paroquial de São Tiago para contrair matrimónio com Pedro Canário, e ainda o que vestiu na festa nupcial realizada no dia 9 de Agosto de 1882.

Ludovina Amália de Carvalho Canário era filha dos lavradores Amaro Vicente\* e de Anna Ritta de Carvalho, tendo nascido em 1861 na freguesia de São Tiago Maior, Castelo de Vide, e morrido de «colapso circulatório» a 20 de Abril de 1944, na Rua Antão Dias, conforme assento do óbito. Por seu turno, seu marido, Pedro d'Assunção Canário, filho de João Marcos Canário e de Maria Severina de Sousa Marques\*, à data do casamento com a idade de trinta e um anos, era lavrador, tendo também nascido em Castelo de Vide, na freguesia de Santa Maria da Devesa, e falecido nesta mesma vila a 13 de Julho de 1924, na Rua de São Pedro, com 73 anos de idade.

De acordo com as informações do respectivo herdeiro e bisneto - destacada pessoa do nosso folclore e inveterado director artístico do Rancho Folclórico da Nossa Senhora da Alegria de Castelo de Vide -, o *traje de côca* foi especificamente vestido para a celebração religiosa, tendo a nubente envergado para as seguintes comemorações outra indumentária mais alegre e leve, porém, igualmente fina e digna (fotos dos trajes completos nas páginas centrais).

Hoje, só nos desfiles etnográficos ou nos figurinos que habitualmente acompanham as actuações do Rancho Folclórico da Nossa Senhora da Alegria, num nítido contraste com o colorido dos outros trajes típicos, de *cote* (quotidiano) ou festivos, é que renasce esta figura de aspecto misterioso e grave, popularmente chamada de *Côca*, que tantas vezes se evoca para intimidação de crianças traquinas.

O material iconográfico que representa o uso deste traje na nossa região é muito escasso, como poucas são também as descrições literárias que a ele se referem, facto que dificultou este breve estudo. Os próprios museus da nossa região têm exemplares nos respectivos acervos, mas com poucas referências. No caso do Museu Municipal de Marvão, os técnicos Hernâni Sarnadas e Célia Rosa tiveram a gentileza de nos fazer chegar o pequeno texto (baseado em informais orais), que cataloga o exemplar nele exposto com a designação de «vestido de noiva - côca», atribuindo-lhe uma cronologia de finais do século passado. Por sua vez, a *área de reservas* do Museu Municipal de Portalegre, segundo amável informação da sua Conservadora, Dr.<sup>a</sup> Sónia Alves, possui duas *côcas*; todavia, estas ainda não se encontram catalogadas e a pouca informação disponível limita-se, à semelhança das anteriores, a relatos meramente informais.

De qualquer modo, estes testemunhos são muito coincidentes, havendo, de facto, a ideia generalizada de que as *côcas* terão sido um *traje de noiva* na nossa região, na segunda metade do século passado. A tradição oral também afirma que a dimensão e colocação do véu tinha três posições distintas, consoante a classe a que pertencia a nubente. Assim, se ela fosse de uma estrato social



Ludovina Amália de Carvalho Canário  
(1861-1944)  
Casou em 1882 vestindo uma *côca* como  
traje de noiva

elevado o véu caía prolongando-se para além do peito, mas se fosse artesã, comerciante, ou de profissões correspondentes à classe média, nesse caso deveria ser em tamanho suficiente de modo a cobrir apenas o rosto. Quanto às noivas provenientes de famílias camponesas ou pobres, as informações referem que o véu era voltado para trás da cabeça (por vezes inexistente), pondo, portanto, a cara totalmente a descoberto.

Quanto às escassas referências bibliográficas, o nosso ilustre conterrâneo Dr. José Pedro Martins Barata, no muito válido contributo etnográfico que nos deixou sob o título de *Tradições Religiosas em Montalvão e em Póvoa e Meadas* (Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, Lisboa, 1970, pp. 107-108), balizado temporalmente entre a última parte do século XIX e o ano de 1910, corrobora, até certo ponto, as informações de que há memória oral. Segundo ele, enquanto o noivo trajava de «chapéu de aba larga com borla de seda; jaqueta, colete, calça estreita, cinta, meias e sapatos, tudo de cor preta» a noiva colocava «a cobrir a cabeça a "coca" ou mantilha preta, roupinha de cor, rameada, (algumas punham lenço de seda franjado, de cores, traçado a ver-se por baixo da coca), saia rodada preta, meias brancas e sapatos pretos». Este povoense – que muito escreveu sobre os costumes da sua terra – acrescenta que estas noivas «não usavam flor de laranjeira e quando iam para a igreja levavam o véu da coca descido para a frente a cobrir a cara mas após o casamento voltavam com o véu para cima e a cara descoberta». E termina a sua descrição dizendo que se «a noiva tinha posses comprava o "fato de casar", que depois era vendido juntamente com a "cama". Sendo muito pobre, pedia-o emprestado».



Imagens de côcas insertas no livro *O Traje Popular Português*, cujo autor afirma pertencerem a burguesas de Portalegre e legendadas como «traje negro para visitas ou missas»

Mas, como *traje de noiva* acabou por cair rapidamente em desuso enquanto tal, passando a ser fundamentalmente moda nas mulheres aristocratas ou da alta burguesia, quando estas saíam à rua para assistir a actos religiosos ou nas visitas, tão habituais nestas classes sociais entre finais do século XIX e princípios do XX. Na restante bibliografia consultada sobre esta temática as designações atribuídas a este tipo de traje são referidas pelo nome de «mantilha de Portalegre» ou simplesmente «côca».

O importante catálogo etnográfico que Alberto Sousa nos deixou (*O Trajo Popular em Portugal nos séculos XVIII e XIX. 400 gravuras reproduzidas directamente pela fotografia segundo os documentos da época*, Lisboa, 1924, p. 235) apresenta duas imagens de «burguesas» de Portalegre, com a legenda a informar que o correspondente traje negro era utilizado para visitas ou para a ida à missa, acrescentando que a cabeça era coberta por uma «espécie de biôco de rendas chamado côca». Também na estampa da página 200 da mesma obra se observa outra semelhante figura da mesma burguesia, com a particularidade de esta estar datada entre os anos de 1840 e 1860.

Sobre estas *côcas*, D. Sebastião Pessanha deixou-nos a interessante descrição que, de algum modo, permite reconstituir o ambiente criado por este traje na época:

«N'essa manhã chuvosa de Outubro, antes do despontar do dia, resava-se a primeira missa na igreja de S. Lourenço, em Portalegre.

Poucas pessoas assistiam ao acto religioso, que, áquela hora, lembrava o officio divino da noite de Natal. Só algumas senhoras se ajoelhavam em volta do altar lateral onde se estava dizendo a missa, trajando rigorosamente de negro.

Vias, depois, sahir. Usavam uns biôcos, pegados a uma espécie de capa curta e que eram cobertos, no alto, por uma renda larga, que cahía pelas costas. Na frente o biôco era armado em papelão, ou tarlatana, para se manter aberto. N'alguns, a renda era colocada, como já disse, cahindo do alto da cabeça sobre as costas; n'outros, porém era posta em sentido contrário, isto é, cahindo um pouco sobre a cara. Completava o trajo uma saia de merino.

Este curiosissimo costume, soube-o então, está agora mais em voga nas classes ricas, onde o usam as senhoras de todas as edades, especialmente para assistir a actos religiosos. Ha, tambem, quem o use sempre.

A este biôco, chamam, em Portalegre, "côca", ou "mantilha", e, á renda, "véu". Cá fóra, no adro, assisti à debandada dêsse grupo crente de embiocadas, cada uma acompanhada pela sua creada» (*Terra Portuguesa*, III, Lisboa, 1917, p. 174).

Mas a *mantilha* não foi uma característica exclusiva da indumentária desta região do Alto Alentejo. Apareceu também na Beira Baixa associada ao traje de noiva ou de outras solenidades. Com efeito, pelas notas etnográficas de Jaime Lopes Dias (*Etnografia da Beira*, IV, Lisboa, 1963, pp. 97-98) sabemos que a mulher beirense «nas classes médias e superiores,



«Burguesa de Portalegre» vestida